PERFIL

Carlos Alberto de Souza Coelho

Médico-legista, é um dos profissionais à frente do IML paulista

PONTO DE VISTA

"A vida é débil e fugaz. Como pouca gente, sabemos com que rapidez ela desaparece"

AS EXCEÇÕES

"Escapei dos incêndios do Joelma, do edifício Andraus e dos 111 do Carandiru"

A PROFISSÃO

"Minha paixão pelo trabalho vem da vontade íntima de prestar um serviço importante"

Alguém se habilita?

Doutor Coelho tem uma missão: examinar um por um os corpos recolhidos no desastre da TAM

Fred Melo Paiva

EPITÁCIO PESSOA/AE

FRONT - Carlos Coelho no portão de entrada do IML central, em São Paulo. Ele trabalhou em quase todas as grandes tragédias que atingiram a capital e Osasco nos últimos 30 anos

"Eu fiquei muito comovido. Muito, muito, muito. A gente sempre fica. Esse número tão grande de vítimas, um Airbus inteiro... Nós temos esposas, filhos, noras, netos, pais. Somos parte disso também. Somos pessoas da população. E tivemos de entrevistar todas as famílias das vítimas, arrancar deles todos os detalhes. Eu não cheguei ao ponto de chorar. Mas me emocionei intensamente. Em alguns momentos tive de parar e ficar em silêncio. Para recompor a postura, pensar um pouco. Quem trabalha no Instituto Médico-Legal tem a exata noção do quanto a vida é débil e fugaz. Como pouca gente, nós sabemos com que rapidez ela desaparece."

Ave Maria ter uma profissão como a do doutor Coelho, Deus que nos proteja de ver as coisas que ele já viu. Sobretudo nos proteja do próprio doutor Coelho, que há 33 anos é médico-legista do IML de São Paulo. Desde o desastre com o avião da TAM, ele está à frente de parte do grupo que trabalha na identificação dos 199 corpos recolhidos no local do acidente. Quando a aeronave bateu no prédio, o doutor Coelho estava na sala de espera do dentista assistindo na tevê o programa do Datena. Ligou para o IML prevenindo os colegas de que teriam trabalho. Vendo a "altura absurda" das chamas, o posto de gasolina ao lado da construção, telefonou também para um médico-legista especializado em vítimas de incêndio. Informado de que o avião era um Airbus, "soube exatamente o que acontecia, e que um número enorme de pessoas já estavam carbonizadas". Diante disso o doutor Coelho foi "reparar a obturação que havia se partido".

Carlos Alberto de Souza Coelho tem 60 anos. Casado, dois filhos, "caipira da Vila Mariana", onde nasceu, cresceu e mora até hoje. Seu pai é da Ilha da Madeira, seus avós maternos, da região de Trás-os-Montes. "Sou brasileiro de nascimento, português de DNA." Doutor Coelho gosta de se apropriar dos termos da medicina. Para ele não tem trânsito engarrafado – no máximo, "coagulado". Mas não é por uma questão de léxico que "Mister Rabbit, um apelido recente", tem tanto apreço por aquilo que faz. "O médico-legista tem muito a oferecer para o esclarecimento da Justiça. Minha paixão pelo trabalho vem da vontade íntima de prestar um serviço importante." O diabo é que todas as grandes tragédias de São Paulo – as pequenas também – desembocam sempre no doutor Coelho. Há 11 anos, ele trabalhou na identificação dos 99 mortos no acidente com o Fokker 100 da TAM, em que "os corpos estavam muito mais inteiros do que agora". Diretor do IML de Osasco durante 20 anos, esteve na linha de frente em dois episódios que marcaram a história da cidade: em junho de 1996, uma explosão matou 42 pessoas que estavam na praça de alimentação do Osasco Plaza Shopping; dois anos depois, o desabamento do telhado de uma Igreja Universal deixou 25 pessoas mortas. "Escapei dos incêndios do Joelma, do edifício Andraus e dos 111 do Carandiru." Em compensação, doutor Coelho foi um dos responsáveis pela análise dos restos mortais dos Mamonas Assassinas, além de um assistente de palco, um segurança e dois pilotos do Learjet que se acidentou na Serra da Cantareira em março de 1996. "Foram os corpos mais destroçados que eu já vi na minha vida."

Tão logo doutor Coelho acabou de obturar o dente, ejetou-se da cadeira do dentista, que afinal vem a ser o seu filho mais novo. Diretor de uma divisão do Centro de Exames, Análises e Pesquisas do IML (dirigiu o próprio instituto em 2000 e 2001), ele ainda estava montando as várias equipes de trabalho quando os primeiros corpos do desastre com o Airbus começaram a chegar. "Não há organismo vivo que tolere uma desaceleração como a que ocorreu com esse avião. Além disso, poltronas e peças da aeronave certamente foram empurrando as pessoas para a frente. Estruturas ósseas, músculos e tecidos ficaram misturados a pedaços de metais e plástico. O impacto matou os passageiros de forma imediata, ou lhes tirou completamente a consciência." Na noite do acidente, doutor Coelho trabalhou até 1h30 da manhã. Foi para casa porque "a roupa estava suja e cheirava a corpo carbonizado, que em grande quantidade acaba impregnando". Ele deitou mas não conseguiu dormir. Revirou na cama até as 4h. Desistiu e voltou para o IML.

> Na noite do acidente, doutor Coelho trabalhou até 1h30. Foi para casa porque a roupa "cheirava a corpo carbonizado". Não conseguiu dormir. Revirou na cama até as 4h. Desistiu e voltou para o IML

Com menos tempo de exposição ao fogo, "os primeiros corpos nunca chegam tão queimados". Depois a situação piora. Nas horas que se seguiram ao acidente, cada corpo recebeu uma pulseirinha com seu número de registro. Foram colocados separadamente em sacos de polietileno, chamados de porta-cadáveres. Depois, para que fosse possível empilhá-los, tiveram de ser acomodados em caixões de madeira. Foram resfriados a 4 graus centígrados, de forma que pudessem ser trabalhados de imediato. Como a câmara de refrigeração do IML suporta no máximo 50 pessoas, quatro caminhões-frigorífico tiveram de ser levados para o estacionamento do prédio – mesmo expediente usado no desastre do Fokker 100. Na análise dos corpos, todos os membros passam pelo raio X, sendo "possível identificar correntinhas, relógios e outros adornos misturados aos fragmentos". Há 250 funcionários envolvidos com a operação de reconhecimento dos mortos, estudados simultaneamente em grupos de seis. "Os corpos estão sujos de terra, sangue e carvão."

O primeiro contato do doutor Coelho com "o corpo falecido" foi nas aulas de Anatomia da Escola Paulista de Medicina. Os professores tomavam cuidado "para não impactar os jovens", de modo que iniciavam seus trabalhos "pelo estudo fracionado do esqueleto". No segundo ano de faculdade, o doutor Coelho viu uma pessoa no formol. Mais maduro emocionalmente, no ano seguinte experimentou pela primeira vez o "indivíduo recentemente falecido, com a cor original". No começo "não tinha o pensamento fechado de ser médico-legista". Mas um professor "incutiu" nele essa vontade. Coelho tornou-se doutor em 1973. Passou no concurso para o IML poucos meses depois. "Quando o indivíduo entra para a medicina-legal, já tem anos e anos de necrotério."

Em qualquer lugar que o doutor Coelho esteja, ele ouve sempre a mesma pergunta: "Como é que você foi se meter nessa?". Na verdade, o médico-legista trabalha muito mais com gente viva do que morta. Vítimas de estupro, acidentes de trânsito e de trabalho, torturas e outras agressões – as pequenas tragédias de São Paulo correspondem a cerca de 70% dos atendimentos feitos pelo doutor Coelho e seus colegas. Em média, são 60 mil exames envolvendo lesões corporais a cada ano, isso apenas no IML central, "fechado" agora para a tragédia da TAM. Frente a frente com "o corpo falecido", doutor Coelho não pensa "quem foi aquela pessoa, qual era a história dela". Apenas faz o seu trabalho "com extremo respeito". Não raro invoca sua religiosidade de "católico apostólico romano": pede "tranqüilidade, discernimento e calma" – para ele e para o morto. De resto, o IML "é um ambiente de trabalho e não um velório". Debruçado sobre o cadáver, é possível que o doutor Coelho puxe conversa com um assitente: "E o seu filho, como está? A esposa, vai bem? E você, vai fazer o que hoje?".

Essa profissão necessária porém horrorosa do doutor Coelho não impede que ele seja uma pessoa surpreendentemente doce. Sua "terapia", por exemplo, "é construir carrinhos de madeira" numa pequena marcenaria que ele montou em um sítio no sul de Minas. É "especialista em caminhão-basculante, carreta e moto-niveladora". Tem um Chevrolet 1937 e um Landau 82. Além de carros antigos e caminhões em miniatura, doutor Coelho gosta muito de rock. "Rolling Stones, Elvis, The Beatles, Ray Conniff." Ray Conniff??? A mulher do doutor Coelho "baixa tudo no e-mule".

Doutor Coelho gosta de cachorro. Tem uma cadela de pastor chamada Mie. Tinha três dogues alemães, mas eles morreram. Há 20 dias, faleceu também o Texaco, um vira-lata. No dia 31 de dezembro de 2001, quem quase morreu foi o próprio doutor Coelho. Um infarto fez com que vivenciasse "a iminência da morte". Nada que quatro pontes de safena não tenham dado um jeito. Pelo menos teria sido de acordo com a sua preferência: "Gostaria de ter uma morte súbita e sem violência. Todo o mundo quer ir para o céu, mas nenhum de nós quer morrer. Como essa é uma equação impossível, eu escolheria a morte rápida." Se o doutor Coelho falou, é porque assim é que é bom.

Funcionários do IML choram ao receber parentes das vítimas

TERÇA, 25 DE JULHO

Parentes visitam IML

●●● Depois de reclamar da morosidade do Instituto Médico-Legal em identificar corpos do acidente da TAM, parentes visitaram o IML. Legistas se emocionaram. Até o fechamento da edição, 95 dos 199 mortos tinham sido identificados, sem a necessidade do exame de DNA.

MÁRCIO FERNANDES/AE

LOTAÇÃO - Um dos quatro caminhões-frigorífico usados pelo IML

EVELSON DE FREITAS /AE

BUSCA - No exame das vítimas, cada parte do corpo passa pelo raio X

FERNANDO SAMPAIO/AE

"DESTROÇADOS" - Os Mamonas Assassinas, cujo avião caiu em 1996

Carlos Alberto de Souza Coelho (2007)

e reminiscências médico-legais

A matéria publicada no jornal "O Estado de São Paulo", 29/07/2007, é uma bela e merecida homenagem a um dos mais brilhantes médicos legistas do Estado de São Paulo. Dr. Carlos Coelho e Dr. Mário Jorge Tsuchiya coordenaram os trabalhos de resgate e identificação dos corpos carbonizados no acidente com o avião da TAM (Airbus A320-233, prefixo PR-MBK, vôo TAM 3054), ocorrido em São Paulo, em 17/07/2007. O avião procedia de Porto Alegre e acabara de aterrissar no Aeroporto de Congonhas, zona sul de São Paulo. Ou melhor, tentou aterrissar e ultrapassou a pista, chocando-se com um galpão de concreto da própria companhia aérea, no outro lado da avenida que margeia o aeroporto. Faleceram os 187 ocupantes do avião e 12 pessoas no solo.

Era uma terça-feira. Eu (LRF) deixara o plantão no IML às 19 horas e estava entrando em casa, quando o chefe, Dr. Fava, me ligou no celular e informou o acidente. Tomei banho, jantei e retornei ao trabalho. Logo se apresentaram os dois futuros coordenadores do trabalho e lá também permaneceram. Fiquei até o final da manhã seguinte e, dentro da tragédia que nos impressionava e entristecia, testemunhei um belíssimo acontecimento: nessa manhã, inúmeros funcionários de todas as categorias (médicos, auxiliares de necrópsia, atendentes de necrotério, fotógrafos técnico-periciais, peritos odontólogos, papiloscopistas, técnicos de radiologia etc.) se apresentaram como voluntários e todos trabalharam, todos os dias e sem pausa nem em finais de semana, até a completa conclusão das identificações das vítimas. O trabalho se prolongou por dois meses. Voluntariamo-nos imediatamente e ambos (LRF e DVF) trabalhamos diariamente, até a finalização das perícias.

Os trabalhos iniciais logo se dividiram em duas frentes:

1- no necrotério, para identificação dos corpos: (A) quando havia essa possibilidade imediata, realizava-se mediante papiloscopia, arcada dentária, fotografia, tatuagens e outras características físicas, que eram avaliadas

no seu conjunto; (B) quando carbonizados, realizavam-se necrópsias com técnica antropológica, para posterior identificação com exames complementares radiológicos ou de DNA, associados aos poucos caracteres físicos eventualmente preservados; (C) providenciava-se adequado armazenamento das dezenas de cadáveres, a fim de evitar a sua putrefação.

2- no aeroporto, cujas amplas dependências permitiam maior liberdade de ação de equipes de médicos legistas, foram recebidos e entrevistados os familiares, que contribuíram com informações sobre vestes e características físicas, bem como com exames complementares radiológicos e odontológicos, para facilitar o trabalho de identificação. Este foi um trabalho árduo, pois os familiares, profundamente abalados e desnorteados, buscavam informações técnicas e muitos não estavam em condições de contribuir com os entrevistadores.

A fase posterior foi mais difícil. Tratava-se de identificar as muitas dezenas de corpos carbonizados, alguns reduzidos a fragmento de coluna vertebral e de cintura pélvica. Reconhecia-se o sexo mediante exploração dos órgãos pélvicos, sendo às vezes possível estimar a faixa etária das mulheres. O exame de DNA foi imprescindível para finalizar as identificações dos carbonizados.

Ao final, apenas quatro vítimas não foram localizadas, pois seus corpos foram totalmente carbonizados e desapareceram.

Nem todos foram voluntários e alguns funcionários "desapareceram". Porém, o notável é que dezenas de funcionários do IML, de todos os postos da Grande São Paulo, deram sua quota extra de trabalho, anonimamente, sem remuneração extra, sem convocação oficial, custeando do próprio bolso o transporte até o nosso posto, e sem esperar reconhecimento por seu trabalho. Simplesmente vieram e trabalharam, incansáveis, bem dispostos, e alguns ficaram adoentados pelo excesso de atividades em ambiente insalubre. A estes funcionários, voluntários que trabalharam sem nada esperar em troca, nem agradecimento, a matéria do jornal também os homenageia, na pessoa do nosso professor de Medicina Legal e mestre sempre amável, Dr. Coelho.

Dr. Carlos Alberto de Souza Coelho nasceu no bairro de Vila Mariana, zona sul da cidade de São Paulo. Trabalhou por 36 anos no IML e aposentou-se em 2011. Durante sua trajetória no IML, além de grande administrador, também ministrou inúmeras aulas, em cursos voltados às formações de profissionais de diversas carreiras no campo jurídico-pericial. Estava bem preparado para essas tarefas, por seu conhecimento profundo e prático de

medicina legal e das legislações administrativas do Estado. Uma característica marcante é que ele não foi apenas um profissional competente. Foi também, enquanto administrador e médico legista, uma pessoa de fácil trato, muito prestativo e pronto a acolher a todos que o procuraram, fossem os motivos de ordem profissional ou pessoal. Sua carreira e sua pessoa merecem uma homenagem e deve sempre ser reverenciado como um exemplo, pois ensinou a todos que é possível aliar conhecimento, técnica e benevolência.

Luiz Fontes o conheceu em 2001, quando ele ministrou o módulo "Tanatologia", no Curso de Especialização em Medicina Legal, do Instituto Oscar Freire. Se me restasse alguma dúvida quanto à carreira que desejava abraçar, ali se dissipou, pois suas aulas persistem na minha memória. Mais tarde, já legista e atuando na equipe de 3ª feira, quando trabalhávamos em dupla (eu e Dr. Claudio Furtado Verdadeiro compúnhamos a dupla diurna em ação no Necrotério do Posto Central, de 2002 a 2008), sempre que fazíamos um caso difícil, logo nos manifestávamos: *este é um caso para discutir com Dr. Coelho!* Às vezes nós lhe telefonávamos, para saber quando viria ao Posto Central. Ou simplesmente usávamos nossa tática especial de abordagem. Ocorre que nossa sala ficava no trajeto da sala da chefia, logo ao lado; então, ao saber que ele estava no prédio e inevitavelmente transitaria por ali, deixávamos a porta aberta, atentos à sua passagem e imediatamente atacávamos: *Dr. Coelho, como vai?* Após breves comemorações, vinha o inevitável *temos um casinho para discutir* (ou mais casos, mas mencionávamos apenas um). Ele sorria, alegava compromissos, informava que em breve retornaria e, realmente, logo estávamos a discutir os casos pendentes.

Esse período no IML foi memorável. Meu aprendizado se deu na experiência do meu parceiro, Dr. Claudio, sempre preocupado com a boa qualidade da perícia e presente em todas as necrópsias. No IML, as discussões de caso eram informais, pois não havia reuniões ou oportunidades pré-determinadas para discussão. Mesmo assim, discutíamos sempre e o aprendizado foi grande, no rastro dos mais experientes, especialmente Dr. Coelho, mas sem esquecer outros conhecedores da matéria e igualmente disponíveis e atenciosos, como Dr. Mário Jorge Tsuchiya e Dra. Rita de Cássia Gava, ambos também professores no Curso de Especialização, o primeiro talvez o mais experiente legista da atualidade em desastres de massa, e ela professora de Medicina Legal na Academia de Polícia (Acadepol) e com notável capacidade de síntese e comunicação. Neste ponto, permito-me uma breve digressão. Há outra aula, no mesmo curso de especialização, que me

marcou profundamente. Era noite e Dr. Mário Jorge ficou mais de duas horas discorrendo sobre o tema "diagnóstico". Eu realmente não imaginava que esta palavra, corrente no vocabulário médico, escondesse conceitos tão profundos, que na palestra de um bom professor revelava tão belas e profundas reflexões. Toda a minha visão do mundo biológico (sou biólogo de primeira formação), médico e médico-pericial mudou profundamente com essa aula, que carrego viva na memória.

Finalmente chegou o dia (esse dia sempre chega) em que Dr. Claudio me chama em uma necrópsia: *Luiz, veja se entende isto!*, e me passou o histórico do caso. Eu olhei o corpo e imediatamente apresentei meu diagnóstico, ao que ele retrucou: *Claro, tão óbvio e eu não percebi. Acho que estou cansado*... Nesse dia, entendi que finalmente eu era um legista maduro, pronto para o aprendizado maior, que se faz no correr da vida e nunca se completa. A boa formação exige estudo contínuo, quanto mais se sabe, percebe-se que menos se conhece. Por isso, discutir sempre com os mais experientes, está é uma regra de ouro.

Daniela Fuzinato o conheceu em 1997, enquanto aluna do quarto ano da Faculdade de Medicina. Dr. Coelho era Chefe do Posto do IML de Osasco e, nesse ano, autorizou-me a freqüentar estágio voluntário, sob sua supervisão e do Dr. Montanaro. Durante três anos estagiei em Osasco, desenvolvi minha vocação pela Medicina Legal e decidi que esta seria minha área de atuação. No ano 2000 estava formada e fazendo residência em anatomia patológica, mas queria mesmo era fazer Medicina Legal. Soube que em Coimbra, Portugal, havia mestrado em Medicina Legal, porém estava em dúvida se devia prestar concurso no Brasil, para seguir a carreira pretendida, ou se devia tentar estudar em Coimbra. Com essa dúvida, fui até a sala imponente (com móveis antigos de madeira) do Dr. Coelho, que havia sido promovido a Diretor do IML e se localizava no "IML Central", para obter sua opinião e dele ouvi a melhor resposta que alguém pode receber: *"vá estudar fora, pois você é nova e muitas oportunidades você terá quando retornar"*. Com este incentivo, arranjei os papéis e em outubro de 2001 fui aceita como mestranda em Medicina Legal pela Universidade de Coimbra, Portugal, instituição fundada em 1290 e uma das mais antigas da Europa.

Retornei ao Brasil em 2004, com título de Mestre em Medicina Legal pela Universidade de Coimbra, mais duas pós-graduações em Medicina Legal (Curso Superior de Medicina Legal; Curso de Especialização em Dano Corporal Pós-Traumático) e as experiências vividas na Europa e no Instituto Nacional de Medicina Legal de Portugal. Como médica legista do IML de São Paulo, reencontrei Dr. Coelho. Foram muitos os casos discutidos com ele e

suas palavras e conceitos eu, agora em outra carreira pericial, sempre utilizo em meus laudos e perícias.

A vida seguiu o seu curso, muitas mudanças ocorreram, e os "bons tempos" agora estão no passado, mas eternamente na memória e na gratidão dos dois médicos que assinam esta matéria.

Luiz Roberto Fontes

Daniela Vitorio Fuzinato

21 de fevereiro de 2013 – São Paulo, Brasil

Na matéria do jornal, na foto inferior, no meio da página, da esquerda para a direita identificam-se os médicos legistas Dr. Luiz Roberto Fontes, Dra. Luciana Campos Nascimento e Dr. Victor Gianvecchio, e a odontóloga estagiária do serviço de odontologia médico-legal, Dra. Taisa Baratella.